

## Bahia



### **Casa de sementes de Micaela: Onde o cuidado com a terra preserva a tradição**

A tradição de cuidado com as sementes crioulas perdura por anos nas famílias de Edemilson João da Anunciação, Valdemar Moreira Secundo, Josefa Oliveira de Souza Secundo, Eliana Lemos e outros agricultores da comunidade de Micaela, no município de Caém (BA). O uso do veneno, antes restrito apenas aos grandes empresários, hoje já faz parte do dia a dia de alguns pequenos proprietários de terra. Essa realidade preocupa quem resiste e foge da agricultura convencional. Nesse contexto, com a perspectiva de viverem livres dos agrotóxicos que ameaçam o território, o trabalho coletivo dos moradores deu origem à Unidade de Seleção e Armazenamento de Sementes Crioulas da Associação Camponesa do Estado da Bahia - Barreiros.



### **O início do Campo e da Casa de Sementes**

Antes de existir uma área coletiva para plantio e armazenamento das sementes crioulas, a comunidade já utilizava suas estratégias individuais de cuidado. Cada agricultor guardava o seu pouquinho em casa, preservando variedades herdadas há mais de 20 anos.

O agricultor Edemilson, um dos mantenedores da casa de sementes e presidente da Associação relata: “Toda a vida a gente guardava nossa semente para, quando chegasse a chuva, já ter a semente guardada. Pra nós não termos que comprar nas mãos dos atravessadores. Muitas vezes a gente não comprava sementes puras que nem a nossa, já vinham sementes transgênicas”.

O armazenamento caseiro, contudo, trazia alguns prejuízos. Sem locais adequados, as sementes criavam gorgulho e, muitas vezes, os grãos não nasciam. Para mudar essa situação, os moradores resolveram se organizar em grupo para montar um campo coletivo. Foi então que, há cerca de 10 anos, Edemilson, indicado pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), participou de uma reunião em Juazeiro (BA). Lá, ele conheceu o projeto Semiárido Produtivo. A comunidade agarrou a oportunidade para conseguir o apoio necessário para tirar o campo coletivo e a casa de sementes do papel.

Valdemar, Edemilson e Josefa iniciaram as movimentações na comunidade para formar o campo de sementes. Convocaram as famílias e escolheram os mantenedores, que são as pessoas responsáveis pelo cuidado do campo e da casa de sementes. Como na comunidade eles sempre trabalharam em mutirão, assim foi o início do campo. Se dedicaram nessa primeira área coletiva por quase cinco anos. No primeiro plantio, deu uma produção razoável e eles continuaram. No segundo plantio, as folhas começaram a amarelar. Tentaram novamente, mas as plantas sequer nasceram.



Os agricultores molhavam constantemente a terra, gastando tempo e insumos sem entender o motivo da improdutividade da área. Foi quando Jeferson Marques, o técnico do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), que os acompanhava no projeto, sugeriu fazer uma análise da água do poço utilizada. O resultado veio: “A água era sal puro”, conta Valdemar. Diante desse impasse, o grupo foi obrigado a parar as atividades naquele espaço por quase dois anos.

## O novo campo

A teimosia em resistir falou mais alto. Edemilson e sua família conseguiram cavar um novo poço em sua propriedade. Como a água era de excelente qualidade, o MPA sugeriu reativar o campo de sementes, mudando-o para essa nova terra doada pelo agricultor. Em 2020, um novo projeto trouxe um reforço financeiro, o que melhorou o sistema de irrigação realizado pela família e incluiu o bombeamento.



Mas, o que o grupo pensou que seria apenas plantar e colher os frutos do novo solo com água doce, tornou a trazer frustração, pois mais uma vez o ciclo estava se repetindo: o plantio não estava resistindo. O técnico, então, sugeriu um estudo do solo, e percebeu-se que a terra estava fraca, sem nutrientes.

Os agricultores entenderam que precisariam alimentar o solo para que ele fosse fortalecido e passasse a produzir. Orientados pelo projeto, eles plantaram espécies adubadeiras como a crotalária, o feijão-de-porco, a mucuna verde, o andu, o milho e o feijão. Utilizaram essa vegetação como cobertura seca, junto com esterco de cabra e de gado para a adubação. Passaram oito meses apenas cuidando do tratamento da área, para só então voltar a plantar.



O esforço surtiu o efeito esperado e conseguiram, finalmente, um solo produtivo. “A gente às vezes só pensava em plantar. Mas se você planta e a terra não tá sendo suficiente para produzir, você gasta água e tempo e não produz nada”, diz o agricultor Edemilson.

## A participação das mulheres e da juventude

No início do projeto, a participação das mulheres enfrentava barreiras e elas eram pouco incluídas nos processos. Porém o grupo foi amadurecendo a percepção sobre o lugar e a capacidade das mulheres e compreendeu que o coletivo também precisa das experiências femininas, bem como da juventude na construção do espaço.

Hoje, as companheiras participam ativamente das decisões para o cuidado com a terra e a preservação das sementes crioulas. Eliana Lemos, uma das mantenedoras, relata que o papel das mulheres é diverso: “A gente faz a colheita, cata, quando precisa limpar a gente vem limpar o feijão, o milho. O homem vai cavando, a gente vai plantando, na hora de colher a mesma coisa”.

Já a juventude está sendo inserida nas atividades para manter a tradição. “O plano é que, quando os mais experientes ficarem ‘encostados’, outras pessoas deem sustento para que o meio ambiente seja preservado e as sementes permaneçam orgânicas. O desejo é que, daqui a 15 ou 20 anos, a região tenha sementes crioulas muito boas. Quando os meninos se formarem e já entenderem um pouquinho, vão ajudando a gente, dando permanência ao projeto”, relata Valdemar.

Hoje a casa de sementes conta com oito mantenedores, cinco homens e três mulheres. Edemilson relata que a intenção é levar mais mulheres a participar: “Queremos arrumar mais mulheres, que é pra ficar 50% e 50%. Esse negócio de ficar só homens acabou, ficou no passado”.



## A organização do campo de sementes e os desafios com os agrotóxicos

O campo de sementes tem 1,3 hectare e, para organizar a produção, o espaço é dividido em setores. O plantio é consorciado, assim, as plantas propiciam benefícios umas para as outras e ainda realizam o controle de pragas e insetos. Essa experiência tem funcionado muito bem para o grupo. No campo, tem o plantio de milho, feijão, mandioca, aipim e outras variedades. A área também conta com um setor dedicado exclusivamente à forragem para os animais. Lá eles cultivam palma, mucuna, pornúncia e moringa.



Ao adquirir uma nova área, eles realizam o manejo para nutrir a terra, para só depois plantar. Enquanto alguns setores vão produzindo, outros passam por um período de descanso, para que a terra seja nutrida novamente.

Outra questão que os mantém em alerta é a organicidade das sementes. “A gente se preocupa também em relação ao agrotóxico. Nós não usamos, Tudo aqui é da natureza”, diz Edemilson. Para o combate aos insetos, utilizam água de alho, água de vidro e fazem o suco de nim.

A estratégia que utilizam para não haver contaminação cruzada é não plantar no mesmo período que os agricultores nos arredores: “Na época que ele tiver plantando lá nós não podemos plantar a mesma coisa porque vai contaminar nosso plantio. O bichinho que tiver lá polinizando, se nós tiver com o mesmo plantio aqui, vai vir pra aqui pro nosso também”, explica Valdemar.

## O destino das sementes e a organização comunitária

A experiência de emprestar sementes às/aos agricultoras/es para receberem o dobro de volta não funcionou, pois o coletivo entregava sementes orgânicas e recebia sementes contaminadas. Foi então que decidiram repassar os grãos à comunidade por um valor acessível apenas para auxiliar nos custos do campo. O grupo realiza também a doação: “Porque o nosso foco é as pessoas terem a semente crioula, que muita gente não tem”, diz Edemilson.



Como o objetivo não é o lucro, uma parte da colheita é dividida entre os mantenedores da área, enquanto a outra é armazenada na casa de sementes. Para gerenciar essa partilha e manter o campo vivo, Edemilson defende a necessidade de reuniões frequentes para incentivar a participação das famílias. No entanto, Eliana relata que o desafio é a participação ativa da comunidade na associação e relata: “Infelizmente as pessoas nem sempre estão à disposição, mas quem tá, vem e faz”.

Diante dos erros e acertos, o grupo segue firme buscando melhorias em projetos, cientes de que a luta não pode parar para defender seus direitos e proteger o território.